

Elefante, de Gus Van Saint.

Janaina Garcia.

Sinopse: Através do olhar dos adolescentes, uma reflexão sobre a banalização da violência na sociedade atual.

Premiado com a Palma de Ouro em Cannes, em 2004, *Elefante* é um filme ficcional baseado em fatos reais – o massacre numa escola secundária em Columbine, EUA, em 2003. O filme conserva uma visão documental, tendo sua composição visual e estrutural inspiradas no filme *High-School*, de Frederik Wiseman, um dos grandes nomes do cinema direto, a mais importante escola de cinema norte americana.

O nome do filme faz referência à uma parábola budista na qual vários cegos tocam um elefante, e cada um descreve de acordo com a parte que tocou, a pata, a cauda, a orelha ou a tromba, mas nenhum é capaz de imaginar o animal em sua totalidade. Talvez por causa disso, como forma de uma analogia, haja tantos *flashbacks* de uma mesma seqüência, como por exemplo, a do corredor da escola, onde nos deparamos com três pontos de vista diferentes: o do aluno que estuda fotografia, a do outro aluno louro, cujo pai é alcoólatra, e da menina de cabelos cacheados que não vai à aula de educação física de *short*. São três visões diferentes de um mesmo tempo, mas esses três personagens não têm noção do todo que os engloba, ou do mal que está por vir.

Não se trata aqui de um filme comercial, pois, se assim o fosse, seria um filme de ação. Não fica tentando identificar causas: parte do princípio que sabemos do que se trata. Trabalha bastante com a questão do tempo; tempo este estirado que tenta reproduzir o mesmo lapso de tempo do evento em si, como se fosse quase em tempo real. Através dessa experiência temporal, Gus Van Sant quer colocar o espectador em outro lugar: que o mesmo vivencie tal evento, que a visionagem do filme se torne uma "experiência".

Essa "experiência" se passa quase toda dentro da escola. Escola esta que é apresentada como um "tipo ideal", mas que, paradoxalmente, reproduz a barbárie: três amigas sentadas no restaurante do colégio comem e conversam sobre calorias e logo depois estão no banheiro vomitando; uma das meninas dá um tapa na cara de outra, pois a mesma olhou para o seu namorado; um adolescente joga uma espécie de creme colorido em outro no meio da aula... A barbárie emerge dessa escola e é reproduzida diariamente nas práticas sociais desses alunos. Logo, me questiono, qual é a função da escola? Simplesmente a profissionalização para o

mercado de trabalho? Na minha opinião, não é de se surpreender que um jovem assassino tenha surgido de tal instituição. Porém, esses males da sociedade não explicam o que leva um adolescente a passar o dia tocando sonatas de Beethoven ao piano e depois massacrar com armas de guerra seus colegas de colégio. O diretor não se aprofunda no tema social, mas também não tenta descobrir as razões psicológicas que podem levar um jovem aparentemente normal, igual aos demais se tornar um assassino. Ele está preocupado em desconectar causa e efeito.

Tendo em vista tudo isto, tem-se toda a receita da barbárie atual que é bastante explicitada ao longo do filme: ausência e irresponsabilidade dos pais (um dos jovens, no início do filme, precisa dirigir o carro porque seu pai que o leva ao colégio está bêbado), a violência dos jogos de videogame, a facilidade para se comprar uma arma (os dois adolescentes encomendam as armas pela *internet*) e a falta de comunicação, tanto entre pais e filhos, quanto entre todos os membros da escola.

O que resta pensar de tal sociedade? Somos como a parábola do elefante? Somos como os cegos, incapazes de compreender o que se passa à nossa volta? E se a compreensão é impossível, como enfrentar o problema?